

LOMBORG, Bjørn, «The Skeptical Environmentalist. Measuring the Real State of the World», Cambridge University Press, 2002 (8ª Reedição), 515 p.

Introdução

«O Ambientalista Céptico» – traduzido literalmente – é um livro fortemente louvado e elogiado por uns e severamente criticado por outros. Uma «pedrada no charco» que veio agitar o pessimismo ambiental instalado e provocar ondas de reacção no mundo instituído da problemática ambiental, ao desafiar e contradizer a crença generalizada, e crescente, de que a situação ambiental do planeta se torna cada vez pior.

Pela importância e actualidade do tema e *timing* de edição¹, pelo lugar institucional de origem e qualidade académica da obra, e pela polémica que assim suscita, esta é sem dúvida uma obra de referência deste início de século, no que respeita às questões do ambiente. Uma obra que, mesmo que questionável pelas conclusões que retira, mais do que pela sua fundamentação científica, não deixa de colocar o dedo numa série de feridas do *corpus* sócio-político da problemática ambiental da actualidade, numa altura em que os discursos ambientais pessimistas e catastrofistas começam a passar à história – por terem frequentemente um efeito inverso do esperado, gastando a opinião pública e conduzindo a uma indiferença defensiva, acabando por desenvol-

ver no senso comum «anticorpos» relativamente às questões ambientais.

O autor e a história

O autor do «*The Skeptical Environmentalist*» é o jovem cientista político/estatístico dinamarquês Bjørn Lomborg, nascido em 1965, professor associado de estatística no Departamento de Ciência Política, da Universidade de Aarhus, na Dinamarca, com vários trabalhos publicados em revistas internacionais nas áreas da teoria dos jogos, da simulação em computador e, mais recentemente, do estado do ambiente.

A história do livro começa em Fevereiro de 1997, quando Bjørn Lomborg leu uma entrevista na *Wired Magazine* do reputado economista e catedrático americano Julian Simon², da Universidade de Maryland, onde, genericamente, este afirmava que muito do conhecimento tradicional sobre ambiente é baseado em preconceitos e fraca estatística, e que a generalizada concepção ambiental catastrofista é incorrecta, baseando o seu trabalho e opinião em dados estatísticos oficiais, facilmente verificáveis.

Como antigo ambientalista de ala esquerda, ex-membro do Greenpeace, Lom-

borg, provocado pelas afirmações de Julian Simon, organizou um grupo de estudo com os seus estudantes para verificar cuidadosamente os fundamentos estatísticos e refutar as alegações de Simon (conotadas com os grandes interesses empresariais da ala direita). Contrariamente ao que esperava, como ele próprio reconhece, uma grande parte dos pontos e alegações de Simon estavam correctos, tendo passado pelo escrutínio estatístico e sendo suportados pelos dados, obrigando Lomborg a reconhecer erradas e a rever algumas das suas próprias crenças ambientalistas e a visão de que a situação ambiental é generalizadamente má e cada vez pior.

Na sequência disto, publica num dos jornais dinamarqueses de maior tiragem uma série de artigos, sobre a sua visão acerca de vários problemas ambientais, despoletando um dos maiores debates na Dinamarca, que se generalizou a todos os jornais, envolvendo centenas de artigos, comentários e críticas. Lomborg pensa, então, em alargar o debate com a edição de um livro que cobrisse as principais questões envolvidas tratadas com maior profundidade. E procura fazê-lo do ponto de vista da sua competência académica e convicção pessoal, como acérrimo defensor da estatística como instrumento científico que, na sua opinião, usado judiciosamente permite

ver e conhecer o nosso mundo de forma mais clara; confrontando as nossas crenças com os dados (não deixando, no entanto, de reconhecer que a estatística pode ser usada para manipular a verdade).

Não se reconhecendo ele próprio como um *expert* em ambiente, Lomborg convidou cientistas peritos de várias áreas para rever partes específicas do seu livro – nem todos concordando com as suas conclusões gerais. O seu objectivo, afirma, foi sobretudo dar uma descrição das abordagens dos problemas como os *experts* os apresentam na literatura relevante, e examinar as diferentes áreas de estudo de forma a facilitar a avaliação da sua importância na globalidade das prioridades sociais³.

A obra

«*The Skeptical Environmentalist*», versão original em dinamarquês de 1998, foi pela primeira vez editado em inglês em 2001 pela Cambridge University Press, conhecendo já oito reedições e tradução em várias línguas⁴. O título assina a obra identificando o autor e o lugar de partida; e o subtítulo, «*Measuring the Real State of the World*» – em que o autor joga com o título de uma das publicações sobre ambiente mais conhecida internacionalmente⁵ – identifica o espírito do trabalho e o seu objectivo.

¹ Editado praticamente um ano antes da Cimeira de Joanesburgo – Cimeira Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada em Agosto de 2002, o mais importante encontro internacional para o balanço técnico-político do ambiente dos 10 anos pós Cimeira do Rio – Conferência das Nações Unidas para o Ambiente e Desenvolvimento (Eco'92).

² Julian Simon (falecido em 1998) é autor de várias obras, entre elas «*The Ultimate Resource*» (1996) e «*The Ultimate Resource 2*» (1998), onde olha com optimismo para a questão ambiental com base na evolução dos principais indicadores de bem-estar humano. Lomborg é visto por alguns como seguidor da escola de Simon.

³ Na sequência da publicação do «*The Skeptical Environmentalist*» e da mediatização e intenso debate nacional e internacional que gerou e em que o autor participou, Lomborg vem a ser nomeado: *Global Leader for Tomorrow* pelo World Economic Forum (Novembro de 2001); director do Instituto Dinamarquês de Avaliação Ambiental (Fevereiro de 2002); e uma das «*50 stars of Europe*» (como um dos 9 «*agenda setters*» na Europa), na Business Week (17 Junho de 2002).

⁴ Inglês, Sueco, Islandês e Alemão, preparando-se a sua edição em Espanhol, Italiano, Francês, Coreano e Japonês, e estando prevista a edição também em Português.

⁵ O livro «*The State of the World*», publicado anualmente pelo *Worldwatch Institute* desde 1984.

O autor critica a forma como muitas organizações ambientais e os *media* fazem uso selectivo e enganador da informação científica. Com a sua formação académica e espírito crítico, e baseando-se, segundo afirma, na melhor informação estatística disponível a partir de instituições de investigação reconhecidas internacionalmente⁶, examina cuidadosamente uma série de problemas ambientais de primeira linha, que figuram sistematicamente nos cabeçalhos dos *media* em todo o mundo e determinam agendas políticas.

Lomborg procura apresentar e discutir objectivamente a natureza e extensão dos problemas de ambiente e desenvolvimento que se colocam hoje em dia, assim como a forma como estão a ser enfrentados e os resultados alcançados. O autor denuncia a ciência produzida com base no uso incorrecto e enviesado de dados, em particular da análise de curtas séries de tempo, que leva a que «pedaços de informação» sejam usados fora do contexto e ao conseqüente aproveitamento mediático, questionável formação da opinião pública e das prioridades sócio-políticas e governativas. Os argumentos do autor são apresentados de forma acessível, em linguagem não técnica, profusamente anotados e referenciados⁷ – muito embora a sua verificação e confrontação do ponto de vista técnico e científico não estejam, obviamente, ao alcance de qualquer um.

The Skeptical Environmentalist é uma obra de fôlego, com texto suportado por uma elevada quantidade de dados e indicadores,

analisados e discutidos de forma clara e acessível, ao longo de vinte e cinco capítulos distribuídos por seis partes. Na primeira parte Bjørn Lomborg aborda e desmonta o que ele designa de «litania ambiental» (*litany*), que se repete no dia-a-dia, alimentada pelos *media* e pelas crenças e mensagens pessimistas dos grupos de pressão ambientalistas – contra a qual o autor se insurge e que procura desmistificar, mostrando que essa visão não é totalmente suportada pela evidência dos dados. Na segunda parte, dedicada ao bem-estar humano, trata de questões demográficas, saúde e esperança de vida, alimentação/fome e pobreza/riqueza. Na parte três, o autor examina a prosperidade humana na sua relação com a escassez/abundância de recursos, desde a produção de alimento, às florestas, fontes de energia, recursos minerais e água. A parte quatro, é dedicada à análise das questões da poluição e da contaminação ambiental e de que forma afectam de facto a prosperidade humana, desde as diversas formas de poluição do ar, passando pelas chuvas ácidas, doenças respiratórias e alérgicas, poluição da água, e resíduos. A parte cinco, trata do futuro, dos «problemas de amanhã», e inclui uma análise dos medos químicos associados à contaminação ambiental e à saúde (pesticidas e cancro), e a análise das questões associadas à biodiversidade e ao aquecimento global (o capítulo mais longo do livro). Na sexta e última parte, o autor conclui sobre o estado real do Mundo, resumindo o que procurou provar nos capítulos anteriores.

⁶ Dados e indicadores provenientes de fontes internacionais como: EU – União Europeia; UN – Organização das Nações Unidas; OECD – Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico; IPCC – Painel Internacional para as Alterações Climáticas; e o Banco Mundial, entre outras.

⁷ Perto de 180 gráficos e tabelas, 3000 notas e cerca de 1800 referências bibliográficas.

A sua mensagem procura mostrar que nos últimos anos muitos aspectos ambientais e sociais têm melhorado no planeta. Vive-se até mais tarde, a pobreza globalmente tem diminuído e, apesar de ainda haver fome, menos pessoas passam fome à medida que a capacidade para produzir alimento continua a melhorar. Os recursos energéticos e minerais não estão a esgotar-se, a desflorestação não é um fenómeno crítico, a bomba de população desvanece-se, a carga da poluição tem diminuído e os pesticidas e produtos químicos contribuem para o aumento da longevidade e melhoria da qualidade de vida. Segundo o autor, também parece não haver fundamento para recear os organismos geneticamente modificados. E o aquecimento global é um problema real mas a dimensão e projecções do problema têm sido irrealistamente pessimistas. Uma das suas principais preocupações é o direccionamento adequado dos recursos financeiros e energia humana para os problemas reais, sendo um deles o desafio da saúde, em particular nos países em desenvolvimento.

Para Lomborg, quando avaliamos o estado do Mundo precisamos fazê-lo através de comparações e, comparando com o passado, as condições humanas têm melhorado. O autor aceita que as coisas não estão tão

boas como poderiam ou deveriam estar, mas adverte que não estão tão mal como se crê e têm evoluído positivamente. Conclui que há mais razões para optimismo do que pessimismo, enfatizando a necessidade de estabelecer uma ordem clara de prioridades na utilização de recursos para abordar problemas reais, e não imaginados.

«Assim, esta é a mensagem principal do livro: as crianças nascidas hoje – quer nos países desenvolvidos quer nos países em desenvolvimento – terão mais comida, melhor educação, um padrão de vida mais elevado, mais tempo de lazer e muito mais possibilidades – sem que o ambiente global seja destruído.»

E esse é um mundo bonito.» (traduzido de Lomborg, 2002: 351-352).

Reacções ao livro

Tal como a edição dinamarquesa gerou uma primeira onda de reacções e debate nacional em torno da temática, a publicação da versão inglesa *The Skeptical Environmentalist* em 2001, mereceu de imediato fortes e diversas reacções de diferentes origens. A polémica foi lançada e o debate internacional desenvolveu-se numa verdadeira novela⁸ de

⁸ Incluindo ameaças de processos judiciais; um guia para jornalistas documentando os erros mais graves de Lomborg, elaborado pela Union of Concerned Scientists; um sítio na Web criado pelo World Resources Institute (um dos organismos visados pelas críticas de Lomborg), para ajudar educadores ambientais a lidar com as falácias de Lomborg. Artigos em revistas como *The Daily Telegraph*, *The Economist*, *Washington Post*, *Times*, *Guardian*, *Scientific American*, *New Scientist*, *Science*, *Nature*. Um sítio na Internet contra o trabalho de Lomborg: www.anti-lomborg.com; e um outro criado pelo próprio autor – www.lomborg.com – de apresentação e discussão pública da obra, onde podem ser consultados a maior parte destes textos e as respostas do autor, e aprofundada a história actualizada do debate. Que incluiu também debates públicos em programas de televisão como: *Politically Incorrect*, *ABC 60 minutes*, *CNN*, *BBC*, *CNBC* e *PBS*.

respostas e contra-respostas, publicadas em revistas internacionais de grande tiragem, em sítios na Internet e em programas televisivos. As reacções, comentários e artigos são assinados por editores, críticos, comentadores, investigadores e cientistas de diferentes áreas, em particular das ciências do ambiente, mas também das ciências económicas. Uns, ao ataque cerrado à obra e ao autor, saindo em defesa de uma ciência e uma consciência ambiental que se sentiram lesadas com o trabalho e as alegações de Lomborg. Outros, apoiando total ou parcialmente a obra e o seu autor e as perspectivas que adianta, em defesa, curiosamente, da mesma ciência e do mesmo ambiente.

Pioneiro para alguns, o livro é considerado apenas uma revisitação para outros, não levantando questões que não tenham já sido abordadas⁹, por outros autores em obras anteriores relacionadas com estes temas¹⁰, apenas continuando o antigo debate entre pessimistas e optimistas ambientais, beneficiando de maior mediatização e um contexto mais favorável. Lomborg parece defender-se bem das críticas e ataques que lhe foram sendo dirigidas desde o início, o que contribuiu segundo alguns para o aumento da credibilidade e consistência da sua obra. As inúmeras reacções despoletadas são, no entanto, por si só,

um bom indicador da relevância da mesma e dos diferentes interesses e sensibilidades com que mexe, e que envolvem, sem dúvida, as questões ambientais.

Conclusão

Uma das consequências sérias da visão ambiental pessimista e da cultura assim criada e transmitida acriticamente é, como afirma Lomborg, o facto de minar a nossa existência e confiança na capacidade de resolução dos problemas – «*Nós temos medo. Nós receamos o futuro*»¹¹. O livro pode ser visto como um voto de confiança no futuro e um hino optimista à inteligência e capacidade criativa humanas para resolver problemas e gerar bem-estar.

Apesar da eventual fragilidade de algumas conclusões ou opiniões do seu autor, «*The Skeptical Environmentalist*» é um livro sério e importante que levanta questões chave, algumas já antigas, em torno das problemáticas sócio-ambientais actuais. Questões cada vez mais pertinentes face à crescente influência da ciência, da tecnologia e dos *media*, e face à crescente complexidade das suas relações com os vários poderes instituídos, processos de informação e formação da opinião pública e tomada de decisão. Esta é uma obra que vem trazer mais alguma luz sobre o ambiente e res-

⁹ O enfoque dos *media* nas crises; a autoridade científica e a disputa pelo financiamento para investigação; a necessidade de auto-manutenção e protagonismo dos grupos de pressão ambiental; entre outras.

¹⁰ Outros títulos e autores relacionados: «*Global Warming and Other Eco Myths: How the Environmental Movement Uses False Science to Scare Us to Death*», Ronald Bailey (2002); «*Damned Lies and Statistics: Untangling Numbers from the Media, Politicians, and Activists*», de Joel Best (2001); «*Betrayal of Science and Reason – How Anti-Environment Rhetoric Threatens Our Future*», de Paul e Anne Ehrlich (1997); «*The State of Humanity*» e «*The Ultimate Resource*», de Julian Simon (1996); «*Small is Stupid*», de Willfred Beckerman (1995).

¹¹ Traduzido do texto original em inglês: «(...) *We are afraid. We fear the future.* (...)» (Lomborg, 2002: 331).

pectiva agenda sócio-política, que se desenvolve no triângulo de relações complexas entre os pólos da: i) ciência e conhecimento; ii) informação e comunicação; iii) opinião, decisão e acção. Polos com os respectivos actores e papéis que se sobrepõem, com os seus valores, interesses e poderes: cientistas e investigadores; *media* e grupos de pressão; público e decisores políticos e empresariais.

Para além do seu valor intrínseco, a obra tem um valor acrescentado extrínseco pelo facto de surgir num momento que se pode considerar de transição histórica no que respeita às questões ambientais. Há cerca de 40 anos um outro livro, o «*Silent Spring*» de Rachel Carson (1962)¹², assinalava o início de um período que se desenvolveu em torno do debate e acção polarizados pelas perspectivas mais conservacionistas e as mais desenvolvimentistas, que se estende até aos dias de hoje. Este período correspondeu ao despertar e amadurecer de uma nova consciência ambiental colectiva, ao longo da segunda metade e final do século XX. Uma consciência pesada, marcada pelo activismo, mediatização, criação gradual de opinião e participação públicas, pela educação e investigação científica ambiental, e pela responsabilização política empresarial e governamental, que se desenvolveram sob o signo de um certo pessimismo e angústia ecológica. «*The Skeptical*

Environmentalist» de Bjørn Lomborg poderá vir a assinalar o início de um novo período. O seu discurso optimista pode ser visto como um bálsamo que vem contribuir para o alívio necessário da angústia ambiental, que as bem intencionadas interpretações mais pessimistas das questões ambientais, e sua mediatização enviesada, provocaram ao longo do final do século. Por outro lado, pode ser lido como um «correctivo académico» que vem contribuir para a clarificação da problemática ambiental e sua relativização sócio-política, elevando o debate ambiental e os processos associados de tomada de decisão, para um nível menos demagógico, de maior rigor e exigência técnica, científica e ética.

Do grito de alerta de Carson, no silêncio da Primavera de uma nova consciência ambiental humana na segunda metade do século XX, ao olhar céptico de Lomborg, no Outono da visão catastrofista do ambiente e do desenvolvimento no início do século XXI, talvez esteja a emergir um novo paradigma. O resultado de um conhecimento e consciência ambiental amadurecidos e marcados pela procura desejável de um optimismo ponderado, entre as visões mais alarmistas e as mais negligentes – um optimismo crítico, vigilante, responsável e pro-activo.

Rui Marcelino Leal

¹² O livro «*Silent Spring*», da bióloga Rachel Carson (1962), foi um dos primeiros gritos de alerta para a contaminação química invisível dos ecossistemas, e tomou-se num marco e uma obra de referência do início do movimento ambientalista moderno, aquando dos primeiros sinais de degradação ambiental resultantes da massificação de um modelo de desenvolvimento económico do pós-guerra baseado na industrialização.